



EDITORIAL



Embarque de vinhos no cais da Régua.
Foto: Emílio Biel, ca. 1905.

Ao constituirmos, em 1994, o GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, como unidade de investigação da JNICT, pretendíamos sobretudo lançar um espaço de trabalho colectivo em torno de um projecto. Estávamos conscientes dos riscos que teríamos de correr. A aposta num grande projecto de história regional, congregando esforços de várias equipas de historiadores e arqueólogos, fugia, desde logo, ao figurino académico, porque rompia com as habituais barreiras da especialização temporal na pesquisa histórica, integrando num programa de trabalho comum investigadores de vários domínios e épocas. Mas, sobretudo, recusava a ideia de ser um projecto universitário fechado sobre si mesmo, que apresentasse no final, como lição de mestres, os resultados de um conjunto de investigações pessoais. Assumimos, desde o início, que esse projecto só faria sentido se se desenvolvesse em diálogo permanente com a região, com as suas instituições (em especial o Instituto do Vinho do Porto, mas também a Casa do Douro e a Associação de Empresas do Vinho do Porto), empresas, autarquias, e ainda com todos aqueles que, dentro ou fora da Universidade, no país ou no estrangeiro, na história ou noutros domínios do saber, vinham realizando estudos sobre a região e sobre a vitivinicultura.

Exagerámos, provavelmente, nos objectivos e na agenda das acções – de investigação e de divulgação – a desenvolver para um maior conhecimento da história longa da vinha e do vinho do Douro desde as origens até aos nossos dias. Não previmos, sobretudo, os obstáculos a enfrentar no plano administrativo, e boa parte do nosso tempo foi despendido, durante quase dois anos, em desgastantes, e por vezes desnecessárias, tarefas burocráticas na instituição académica de acolhimento, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde a maior parte dos investigadores do Grupo desenvolve também a sua actividade docente. Em contrapartida, sentimos da parte das instituições, das autarquias e das empresas da região e do sector um grande incentivo e uma enorme expectativa relativamente ao nosso trabalho, o que, ao mesmo tempo que acentuou as nossas responsabilidades, nos deu força para persistir. Foi essencial o apoio que sempre encontrámos no Instituto do Vinho do Porto.

Hoje, pouco mais de um ano decorrido desde o início efectivo dos trabalhos do GEHVID e apesar das limitações orçamentais, o balanço é francamente positivo. Foram lançados os primeiros trabalhos arqueológicos em vários pontos da região. Iniciámos a constituição de um vasto ficheiro bibliográfico e de fontes. Desenvolvemos o levantamento de material inédito nos arquivos, desde o período medieval à época contemporânea. Apoiámos jovens investigadores que se encontram a preparar as suas teses de mestrado ou doutoramento. Estabelecemos contactos com centros e com investigadores de várias Universidades estrangeiras (Bordéus, Cádiz, Valladolid, Berkeley e Boston). Começaram a surgir os primeiros estudos elaborados por investigadores do Grupo e marcámos já presença em diversos encontros científicos. Preparámos o I Encontro Internacional sobre a «História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro», a ter lugar no Porto e no Douro, em Março de 1996.

Pensamos, por isso, ser o momento de dar mais um passo. Com a publicação da revista DOURO – Estudos & Documentos, pretendemos não só cumprir um dos objectivos iniciais do GEHVID, divulgando resultados de investigação do Grupo, mas ainda criar um espaço de diálogo aberto com investigadores de outras Universidades e de outros domínios científicos e sobretudo com a região. Nesse sentido, a revista, tendo como base a história regional, não se confinará ao território da disciplina. Buscará pontes com a geografia, a enologia, a antropologia, o direito, a sociologia, a economia, a demografia...

Este primeiro número é disso um exemplo. Além de vários estudos da responsabilidade de investigadores do GEHVID e de notícias sobre diversas acções das equipas de arqueologia, integra outras colaborações. Um estudo sobre a região de Riba Côa na Idade Média, de José Ignacio de la Torre Rodriguez, investigador da Universidade de Valladolid, que está a preparar a sua dissertação de doutoramento em História Medieval e que tem colaborado com a equipa de medievalistas do GEHVID. Um texto conjunto da antropóloga Jean Lave e do historiador Paul Duguid, da Universidade de Califórnia-Berkeley, que sintetiza as linhas gerais do projecto Trading in History, que aqueles investigadores americanos vêm desenvolvendo sobre a história do vinho do Porto. Um estudo do antropólogo Shawn Parkhurst, que integra o mesmo grupo da Universidade da Califórnia-Berkeley e que tem vindo a desenvolver o seu projecto de investigação numa aldeia do Douro. Uma nota de Gonçalves Guimarães sobre os trabalhos arqueológicos em curso na Quinta da Ervamoira. E um estudo do jurista Vital Moreira, da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sobre As Origens da Casa do Douro (publicado também em monografia, com o apoio da Casa do Douro), fundamental para o conhecimento de uma das instituições de regulação profissional do sector. Iniciamos também neste número a publicação de documentos para a história da região, com uma descrição inédita do Douro Superior no século XVIII, apresentada por Aurélio de Oliveira.

Tal como toda a actividade do GEHVID, também a publicação de DOURO – Estudos & Documentos só se tornou possível com o apoio do Instituto do Vinho do Porto, da Universidade do Porto e da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro que estabeleceram entre si um protocolo no sentido de criar condições para a continuidade desta revista, reforçando simultaneamente a sua articulação com a região e a sua vocação pluridisciplinar e interuniversitária.

Gaspar Martins Pereira
(FLUP/GEHVID)

O GEHVID: UM PROJECTO, UMA EQUIPA

1. O PRINCÍPIO

Somos hoje cerca de três dezenas de investigadores. Mas já fomos muito menos. Por isso é melhor começar a contar a história pelo princípio. O grupo nasceu de uma conversa informal de dois docentes de História da Faculdade de Letras do Porto que, cansados de pautarem o seu trabalho exclusivamente pelas exigências da carreira académica, partilhavam o «sonho» de participar num projecto *colectivo, planificado*, sem outras regras além das que decorrem da seriedade de um trabalho científico actual, e da camaradagem de quem participa numa mesma empresa. Falou-se de imediato no Douro. O Douro, vale – da fronteira espanhola até à foz, no Porto. O Douro, região vitivinícola – a de hoje, a de ontem. As ideias começaram a surgir em catadupa. Cronologicamente, não haveria um princípio: aí onde surgisse o primeiro vestígio humano, os nossos arqueólogos começariam a escavar. Mas haveria um fim, pelo menos provisório: o século XIX. Em torno de um tema central – a história da vinha e do vinho – arrumar-se-iam todos os outros (a história económica, social, política, dos usos e dos costumes durienses). Não que desprezássemos a história do século XX. Mas aí, contávamos com a colaboração que pudesse vir a ser estabelecida com muitos colegas, de diversas áreas de investigação, que vêm desenvolvendo trabalhos notáveis sobre as questões durienses: geógrafos, como François Guichard, de Bordéus; sociólogos, como António Barreto, do ICS; juristas, como Vital Moreira; antropólogos, como Jean Lave, José Portela ou Shawn Parkhurst; economistas, como Carlos Melo Brito e João Rebelo; enólogos e agrónomos, como Arlete Mendes de Faria, Nuno Magalhães, João Nicolau de Almeida e Bianchi de Aguiar, a colaboração decisiva do IVP e da UTAD.

2. AS PESSOAS

O segundo passo foi estabelecer os contactos iniciais, fazer os primeiros convites para a aventura. O princípio era, e é, claríssimo: o GEHVID é um grupo *totalmente aberto*. Qualquer investigador que queira participar é bem vindo. Terá tão só que se integrar, da maneira que entender mais conveniente, no projecto colectivo. A partir daí, formulámos duas linhas de rumo: convidar para colaborarem com o grupo *todos* os investigadores portugueses e estrangeiros que, tanto quanto soubéssemos, estivessem a trabalhar ou tivessem trabalhado alguma vez sobre o Douro; propor quatro coordenadores, pelas áreas cronológicas clássicas

(História Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea), a quem competiria ir constituindo e organizando a investigação das respectivas equipas. Para tal, não olhámos a títulos nem a graus: pedimos apenas mérito científico reconhecido e dedicação ao projecto.

Começámos assim, uma meia-dúzia cheia de entusiasmo... e de mais nada. Passaram alguns meses. Hoje o GEHVID conta com um número significativo de membros, entre professores consagrados e jovens que dão os seus primeiros passos na pesquisa histórica. Há muitos outros que mantêm connosco contactos informais. E um número crescente de instituições, ligadas à investigação científica, ao poder autárquico ou ao sector do vinho do Porto (permita-se-nos destacar, por estarem ao nosso lado desde o «nascimento», o Instituto do Vinho do Porto e a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica), declarou-nos o seu apoio e aposta cada vez mais em nós. Que é como quem diz, no nosso projecto. Passemos a resumi-lo.

3. LINHAS DE ACÇÃO

Estamos a pensar essencialmente em três. Sabendo que uma obra monográfica exhaustiva e abrangendo um período tão longo sobre a região do Douro constitui empresa para muitos anos, entendemos, tão cedo quanto possível, começar a colocar ao dispor de toda a comunidade interessada quer textos que sejam fontes históricas importantes quer artigos científicos. Isso será feito através desta revista ou de «Cadernos» sem periodicidade definida (basicamente para publicação de documentos). Em segundo lugar, realizaremos todos os anos uma grande reunião científica de trabalho, em que investigadores do GEHVID, os membros da Comissão de Aconselhamento Científico e outros convidados debaterão entre si os resultados da investigação conduzida durante o período anterior. A primeira terá lugar em Março de 1996, no Porto e na Régua. Todo o esforço deverá tender para a publicação de uma história da região vitivinícola do Douro, que por certo será grande em número de páginas mas que gostaríamos essencialmente que fosse rigorosa, séria e inovadora no conteúdo. Isso dependerá também, em grande parte, dos que nos estiverem a ler e não forem (ainda!) membros do GEHVID.

Há uma quarta linha de força que fazemos questão de destacar: a colaboração constante com todas as entidades e instituições do sector e da região, do Instituto do Vinho do Porto à Casa do Douro, das autarquias às empresas exportadoras, passando pelas associações de defesa do património local, para ajudar a responder a questões pontuais que se lhes coloquem. Encaramos a investigação histórica como *uma das muitas maneiras de gostar do Douro*, enfileirando com gosto ao lado dos que plantam as vinhas ou apanham as uvas, controlam a qualidade do

vinho ou o promovem no estrangeiro. Estamos a cooperar com alguns projectos em curso na região.

4. O TRABALHO DAS VÁRIAS EQUIPAS

Nos primeiros meses pouco se avançou: havia que arranjar um local de trabalho, criar estruturas de apoio, solicitar ajudas, estabelecer contactos – um esforço penoso, demorado, nada visível, mas sem o qual não se pode trabalhar. A pouco e pouco, a investigação propriamente dita começou, por iniciativa individual ou de grupos. Eis um brevíssimo ponto da situação do que se foi fazendo:

1. O grupo de História Antiga, coordenado por Carlos Alberto Brochado de Almeida, tem-se debruçado, essencialmente, sobre o período da romanização, investindo, nesta primeira fase, no levantamento de fundos bibliográficos e colecções museológicas com interesse para a região do Douro. Os arqueólogos desta equipa iniciaram já alguns trabalhos de campo, nomeadamente em Longroiva e em Vilarinho de Cotas, e está em preparação o estudo e recuperação do *castellum* da Fonte do Milho, em Canelas, importante estação arqueológica do período romano na região, com vestígios fundamentais da actividade vinícola, e praticamente abandonada depois dos estudos de Russell Cortez.

2. O grupo de Idade Média, coordenado por Luís Miguel Duarte, tem uma tarefa difícil: com bastante documentação dispersa, que pouco se refere ao vinho, e com escassíssimas monografias em que se apoiar, virou-se essencialmente para a arqueologia. Dando continuidade a projectos anteriores e/ou exteriores ao GEHVID, avançámos este ano com três campanhas preliminares: na Abadia Velha de Salzedas, em Ansiães e em Numão¹. Há a preocupação de, logo que possível, proporcionar às autarquias da zona pequenos textos que possam servir de apoio a actividades de promoção cultural e turística. Paralelamente, iniciou-se a pesquisa documental e bibliográfica e a elaboração de uma cronologia, estando a ser estudadas as *Inquirições* e a *Leitura Nova*, do A.N.T.T.². Um dos membros do GEHVID está, por sua vez, a preparar uma tese de doutoramento sobre a região de Ribacôa, a apresentar à Universidade de Valladolid.

3. O grupo de História Moderna, coordenado por Francisco Ribeiro da Silva, tem desenvolvido os seus esforços em duas direcções de pesquisa das quais há muitíssimo a esperar: a produção vitícola e o comércio do vinho entre o século XVI

¹ Tratou-se essencialmente de proceder à limpeza dos sítios, ao levantamento e desenho do material e estruturas à superfície, etc.

² Esta equipa tem-se ressentido particularmente do facto de três dos seus membros, José Augusto Pizarro, Luís Carlos Amaral e Mário Jorge Barroca, estarem a concluir as respectivas dissertações de doutoramento, pelo que a sua colaboração com o GEHVID está, de momento, reduzida ao mínimo. Esperamos a breve trecho poder contar com todo o entusiasmo e saber destes investigadores.

e o século XVIII. Aurélio de Oliveira e Ribeiro da Silva têm vindo a reunir corpos documentais de importância crucial para o estudo da região nesse período. Em breve, iniciar-se-á, em colaboração com as autarquias da região, a publicação sistemática das Memórias Paroquiais de 1758, relativamente às freguesias incluídas na zona demarcada. Assinale-se que coube a dois dos membros desta equipa, Francisco Ribeiro da Silva e António Cardoso, o nosso «baptismo de fogo» em colóquios científicos: estes dois investigadores apresentaram, em Cádiz, na Universidade Internacional de Andaluzia, no Colóquio *Vinos Y Aguardientes Andaluces en América*, que decorreu de 7 a 11 de Agosto de 1995, uma comunicação intitulada «O Comércio de Vinhos do Douro com o Brasil ao longo do século XVIII».

4. Por último, a equipa de História Contemporânea – constituída por Gaspar Martins Pereira (coordenador), Henrique David e Jorge Martins Ribeiro – tem vindo a reunir materiais para o estudo do período que medeia entre o final do governo pombalino (1777) e a reorganização pós-filoxérica que desemboca na legislação de João Franco (1907). Busca-se, essencialmente, esclarecer alguns aspectos fundamentais na história do vinho do Porto e da sua região produtora ao longo desse período: o alastrar do vinhedo e a reorganização do espaço regional; o processo de transferência da propriedade e a reestruturação social no Douro, na sequência da legislação liberal; as inovações técnicas no cultivo da vinha e na vinificação; as relações entre a produção e o comércio e entre a região do Douro e o Porto. Em 1995, inventariámos todos os documentos do Ministério do Reino, guardados no Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, relativos à Companhia, ao Douro e ao comércio do vinho do Porto, para o período que vai de 1756 a 1852, tendo pronto para publicação esse inventário, bem como um conjunto de documentos inéditos que nos pareceram de grande importância. Mais recentemente, Antonieta Cruz, especialista em história social contemporânea, aceitou colaborar com a equipa. Célia Taborda da Silva, da Universidade Católica, iniciou, entretanto, uma tese de doutoramento sobre os movimentos sociais no Douro no período da instauração do liberalismo. Para o trabalho final, contamos ainda com a colaboração de outros investigadores, como Paul Duguid, da Universidade da Califórnia-Berkeley (associado a um projecto colectivo de que fazem parte também os antropólogos Jean Lave e Shawn Parkhurst) e Norman Bennett, que têm trabalhado sobre as estratégias empresariais no sector do vinho do Porto.

5. AS DEMARCAÇÕES DA REGIÃO

Uma das primeiras colaborações a que o grupo foi chamado, e que se sentiu honrado em aceitar, foi a preparação para publicação pelo Instituto do Vinho do Porto da obra póstuma do Eng. Moreira da Fonseca, *As Demarcações Marianas*

no *Douro Vinhateiro*. Impressionante trabalho de erudição daquele antigo funcionário superior do Instituto do Vinho do Porto e profundo conhecedor da região, o volumoso original dactilografado carecia de uma revisão e de algumas adaptações às novas exigências de impressão, que levámos a cabo. A obra, que constituirá um dos documentos mais marcantes da história do Douro, será dada à estampa a brevíssimo prazo. Entretanto, dois dos nossos investigadores localizaram novos documentos referentes a demarcações do século XVIII, que eram totalmente desconhecidos até hoje, e de que, em próxima oportunidade, se dará notícia detalhada.

6. A FECHAR

Gostaríamos que quem não conhece o GEHVID ficasse com uma imagem fiel do que somos: um grupo de investigação *aberto*, que não só admite como *solicita* a entrada de novos membros, qualquer que seja a respectiva disponibilidade de colaboração e área temática ou cronológica de interesse; um grupo que, no relacionamento interno, apenas se preocupa com a generosidade dessa colaboração e a qualidade científica do que se faz; um grupo que, existindo *hoje e aqui*, só entende a sua razão de ser em estreitíssima ligação com todas as pessoas e entidades que, *hoje e aqui*, trabalham no e para o Douro.

Luís Miguel Duarte
(FLUP/GEHVID)